



Denise Pereira
Maristela Carneiro
(Organizadoras)

História: Diálogos Contemporâneos

Atena
Editora
Ano 2019

Denise Pereira
Maristela Carneiro
(Organizadoras)

História: Diálogos Contemporâneos

Atena Editora
2019

2019 by Atena Editora
Copyright © Atena Editora
Copyright do Texto © 2019 Os Autores
Copyright da Edição © 2019 Atena Editora
Editora Executiva: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira
Diagramação: Geraldo Alves
Edição de Arte: Lorena Prestes
Revisão: Os Autores

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Prof.ª Dr.ª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará

Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Conselho Técnico Científico

Prof. Msc. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Msc. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Prof.ª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Prof. Msc. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Msc. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Prof. Msc. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista
Prof.ª Msc. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Msc. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof.ª Msc. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal
Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

H673 História: diálogos contemporâneos [recurso eletrônico] /
Organizadoras Denise Pereira, Maristela Carneiro. – Ponta
Grossa, PR: Atena Editora, 2019. – (História. Diálogos
Contemporâneos; v. 1)

Formato: PDF
Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader
Modo de acesso: World Wide Web
Inclui bibliografia
ISBN 978-85-7247-559-4
DOI 10.22533/at.ed.594192308

1. História – Pesquisa – Brasil. I. Pereira, Denise. II. Carneiro,
Maristela. III. Série.

CDD 900.7

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

Atena Editora
Ponta Grossa – Paraná - Brasil
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br

Atena
Editora

Ano 2019

APRESENTAÇÃO

Dentre os conflitos mais instigantes, produtivos e controversos que se dão no espaço acadêmico, reside aquele que opõe as muralhas das especificidades dos campos disciplinares à permeabilidade dos saberes na contemporaneidade. Extremismos à parte, é certo que, justamente por suas miradas particulares, os campos de conhecimento podem crescer quando travam contato. A descoberta de termos e objetos comuns e o desconforto dos desacordos e quebras de comunicação criam uma atmosfera de efervescência, questionamento e convite ao aprendizado. O conhecimento frequentemente prospera nas interseções.

As tensões do mundo líquido no qual navegamos intensificam estes debates e tornam premente a necessidade de promover e compreender os trânsitos entre os campos e os conhecimentos que emergem nessas encruzilhadas. Criar ligações entre as ilhas é, pois, uma necessidade, haja vista que, no coração destes debates jaz o descompasso entre a disponibilidade de informações e a variedade de recursos tecnológicos, de um lado, e o basbaque e a incapacidade de articular efetivamente tamanho arsenal em favor da difusão do conhecimento e da ampliação do alcance das humanidades em nosso meio social, de outro.

Como aponta Giorgio Agamben, o presente reside nessa zona fugaz e inexistente, o não vivido dentro do vivido, sendo, portanto, um desejo de futuro que encontra sempre seu referencial em algum passado. À História, que faz o possível para medir o pulso desse grande corpo em fluxo, cabe a árdua tarefa de estudá-lo até onde permite o alcance de suas lentes, a fim de que tenha o necessário para pintar o quadro complexo e pitoresco que a realidade merece. Esse quadro é pincelado de diálogos que mesclam novas e velhas fontes, linguagens clássicas às pós-modernas, discursos estabelecidos aos controversos. E tendo esse *melting pot* como horizonte orientador, antes de desvanecer, acaba revigorada nesses entrecortado de lugares e falas, nem sempre convencionais.

Diante deste olhar na História, esperamos que as leituras destes capítulos possam ampliar seus conhecimentos e instigar novas pesquisas.

Boa leitura!

Denise Pereira
Maristela Carneiro

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
(RE)PENSANDO A CIBERCULTURA NO CONTEXTO EDUCACIONAL	
Cristiane Tavares Fonseca de Moraes Nunes	
DOI 10.22533/at.ed.5941923081	
CAPÍTULO 2	23
A COEXISTÊNCIA ENTRE LITERATURA E HISTÓRIA. A ESCRITA BALZAQUIANA COMO PROJETO DE UMA HISTÓRIA DOS COSTUMES	
Ana Beatriz Morais de Souza	
DOI 10.22533/at.ed.5941923082	
CAPÍTULO 3	34
A FEBRE AMARELA NO RIO DE JANEIRO: HISTÓRIA, CIÊNCIA E LITERATURA	
Cláudia Santos Turco Eduardo Nazareth Paiva	
DOI 10.22533/at.ed.5941923083	
CAPÍTULO 4	42
A FILOSOFIA E A FORMAÇÃO DO HOMEM CONSCIENTE DE SI: ANÁLISE DO O CONTRATO SOCIAL E DO EMÍLIO DE JEAN-JACQUES ROUSSEAU	
Edson de Sousa Brito Vanessa Aparecida Bernardes de Souza Tiago Carvalho Lombardi Tosta	
DOI 10.22533/at.ed.5941923084	
CAPÍTULO 5	52
FILOSOFIA E EDUCAÇÃO: UM DIÁLOGO NECESSÁRIO	
Fernanda Moreira Silva Rabelo José Carlos Ferraz Hellayny Silva Godoy de Souza Ana Maria Franco Pereira	
DOI 10.22533/at.ed.5941923085	
CAPÍTULO 6	66
A TRAJETÓRIA DA IMIGRAÇÃO JAPONESA NO RIO GRANDE DO SUL E A POLÍTICA DE RECONSTRUÇÃO DO JAPÃO APÓS A SEGUNDA GUERRA MUNDIAL	
Tomoko Kimura Gaudio	
DOI 10.22533/at.ed.5941923086	
CAPÍTULO 7	77
DE IBICABA A SUPERAGUI: APROXIMAÇÕES ENTRE A IMIGRAÇÃO DEDICADA À GRANDE LAVOURA E A COLONIZAÇÃO HAVIDA NO PARANÁ	
Caiubi Martins Dysarz	
DOI 10.22533/at.ed.5941923087	

CAPÍTULO 8	101
AÇÕES POLÍTICAS DE PEDRO LUDOVICO TEIXEIRA: MODERNIDADE E POLÍTICA EM GOIÁS (1930-1933)	
Ivo Monteiro de Queiroz Claitonei de Siqueira Santos	
DOI 10.22533/at.ed.5941923088	
CAPÍTULO 9	115
ANÁLISE ESPAÇO TEMPORAL DO CRESCIMENTO DA MANCHA URBANA DO BAIRRO COLINA DE LARANJEIRAS – SERRA/ES A PARTIR DA UTILIZAÇÃO DE IMAGENS GOOGLE EARTH	
Rubyana dos Santos Vieira Jordano Francesco Gagno de Brito Eliana Cassia Rocon Daiane Entringer Modesto	
DOI 10.22533/at.ed.5941923089	
CAPÍTULO 10	121
BIOGRAFIA, METODOLOGIA, SENSIBILIDADES E PRÁTICA RELIGIOSA CATÓLICA EM MARINGÁ, NORTE DO PARANÁ (1969-2000)	
Marcia Regina de Oliveira Lupion Solange Ramos de Andrade	
DOI 10.22533/at.ed.59419230810	
CAPÍTULO 11	132
CAMPESINATO NA DIOCESE DE GOIÁS: MEMÓRIAS DAS LUTAS E COM D. TOMÁS BALDUÍNO	
Valtuir Moreira da Silva Damiana Antonia Coelho	
DOI 10.22533/at.ed.59419230811	
CAPÍTULO 12	144
IGREJA CATÓLICA E A FORMAÇÃO DE ORGANIZAÇÕES SOCIAIS EM SANTA LUZIA D'OESTE/RO (1980-2017)	
Cátia Franciele Sanfelice de Paula Pâmela Kamila da Silva Gomes Andrea Gomes Veríssimo	
DOI 10.22533/at.ed.59419230812	
CAPÍTULO 13	157
FÉ EVANGÉLICA E A AÇÃO POLÍTICA NA OBRA CINEMATOGRAFICA SELMA (2014): UMA VISÃO PROTESTANTE ACERCA DA LUTA PELOS DIREITOS CIVIS	
Vinícius Almeida Teixeira	
DOI 10.22533/at.ed.59419230813	

CAPÍTULO 14	166
ILÊ OJU ODÉ: POLÍTICAS DE RESISTÊNCIA E TERRITORIALIDADES NO CANDOMBLÉ DE GOIÁS	
Victor Hugo Basilio Nunes	
DOI 10.22533/at.ed.59419230814	
SOBRE AS ORGANIZADORAS.....	175
ÍNDICE REMISSIVO	176

FILOSOFIA E EDUCAÇÃO: UM DIÁLOGO NECESSÁRIO

Fernanda Moreira Silva Rabelo

Pontifícia Universidade Católica de Goiás – Rio Verde – GO.

José Carlos Ferraz

Faculdade Unida – Rio Verde – GO.

Hellayny Silva Godoy de Souza

Pontifícia Universidade Católica de Goiás – Goiânia – GO.

Ana Maria Franco Pereira

Pontifícia Universidade Católica de Goiás – Goiânia – GO.

RESUMO: A vida é constituída de períodos marcantes, que de alguma forma assinalam nossa existência nesse mundo. Em nossos dias, é importante desenvolvermos um pensamento crítico e independente, ou seja, que permita que o ser humano experimente um pensar individual. Este trabalho tem como objetivo confirmar o valor do ensino da Filosofia para a educação. A Filosofia demanda que estejamos acessíveis ao novo buscando delimitar espaços que têm especial importância para Educação. Ficamos então com um grande desafio: como ensinar Filosofia nas escolas! Além disso: como ensinar de modo significativo a Filosofia para jovens e crianças em nossos dias? A metodologia utilizada neste trabalho foi através de pesquisa bibliográfica, onde busco trazer à tona, a beleza velada que se encontra por de trás da filosofia

como um conhecimento histórico com mais de dois mil anos, por si só já possui um valor cultural e que se desenvolveu ao longo deste tempo. Por conseguinte, o valor da filosofia na educação vai além da mera instrumentalização do refletir ou do criticar. A filosofia deve mostrar a origem das opiniões para que possam ser incluídas no seu contexto, e ao serem assimiladas possam auxiliar no desenvolvimento integral dos estudantes. A história da Filosofia e os filósofos, adotados como instrumentos para abranger melhor aquele tema e o problema que está sendo abordado, recebem um sentido especial, não sendo tão somente mais um conteúdo a ser decorado pelos estudantes. De qualquer forma, os conteúdos devem ser expostos de forma temática, numa experiência de torná-los mais próximos da realidade vivida pelos alunos.

PALAVRAS-CHAVE: Filosofia. Educação. Conhecimento. Educando. Experiência.

PHILOSOPHY AND EDUCATION: A NECESSARY DIALOGUE

ABSTRACT: Life is made up of remarkable periods, which somehow signal our existence in this world. In our day, it is important to develop a critical and independent, that is, that allows the human being to experience an individual thinking. This work aims to confirm the value of Philosophy teaching for education. Philosophy demands that we be accessible to the new

seeking to delimit spaces that have special importance for Education. We then had a great challenge: how to teach Philosophy in schools! In addition: how to teach Philosophy meaningfully to young people and children in our day? The methodology used in this work was through a bibliographical research, where I seek to bring to light the hidden beauty that lies behind philosophy as a historical knowledge with more than two thousand years, by itself already has a cultural value and that is Developed over this time. Therefore, the value of philosophy in education goes beyond the mere instrumentalization of reflecting or criticizing. Philosophy must show the origin of opinions so that they can be included in their context, and when assimilated they can help in the integral development of the students. The history of Philosophy and the philosophers, adopted as instruments to better cover that theme and the problem being addressed, receive a special meaning, not just another content to be decorated by the students. In any case, the contents must be exposed in a thematic way, in an experience of making them closer to the reality lived by the students.

KEYWORDS: Philosophy. Education. Knowledge. Teaching. Experience.

1 | INTRODUÇÃO

A finalidade deste artigo é mostrar a importância do ensino da Filosofia para a Educação, no que se refere a despertar o senso crítico de alunos desde a educação básica até o ensino superior além da formação do ser humano como um todo. Pensar o ensino de Filosofia, no seu valor, da luta constante por sua independência, é refletir em uma transformação cultural, em mudança de visão de mundo, de paradigmas. De acordo com o artigo de Severino¹ (1990), compreende-se que a filosofia e a educação estão ligadas desde suas origens, e a união entre as duas é de derradeira importância no momento de se pensar na educação, mesmo que, essa afinidade atualmente seja vista de forma desvirtuada e separada, ou seja, vistas sem vínculo nenhum uma da outra o que tem atrapalhado muitos estudos nesta área. Pois se sabe que muitos das dificuldades que se tem hoje em dia na área da educação, só podem ter respostas com abordagens filosóficas.

Filosofar dentro do sistema de ensino e em sala de aula com as crianças, adolescentes e jovens é fazer com que eles possuam condições para o debate, para o confronto de ideias. Se a Filosofia possui como essência o conhecimento com o conceito, é importante que o estudante tenha a chance de fazer ele próprio a experiência de refletir e não apenas repetir pois: “Filosofar é procurar, é afirmar que há algo a ver e a dizer” (MERLEAU-PONTY, 1986²). Nenhuma pessoa foge da Filosofia. Mais dia, menos dia o homem acaba descobrindo o que Jaspers³ chama de “questões

1 Professor Assistente, Doutor da Faculdade, de Educação, da USP.

2 Maurice Merleau-Ponty foi um filósofo fenomenólogo francês. Estudou na École normale supérieure de Paris, graduando-se em filosofia em 1931. Lecionou em vários liceus antes da Segunda Guerra.

3 Karl Theodor Jaspers foi um filósofo e psiquiatra alemão. Estudou medicina e, depois de tra-

fundamentais da vida”. Neste momento, os conhecimentos particulares silenciam. O mero conceito, estranha aos “porquês” do ser humano, sequer pronuncia algo.

A Filosofia, ao contrário, “procura” e busca “ver” para dizer alguma coisa. Se é fato que o “humano” é fruto da educação, ao mesmo tempo é correto dizer que o saber filosófico pode cooperar e muito para este procedimento. Mas, vários insistem em que a Filosofia é “incompatível” com o desenvolvimento oferecido em nível de educação básica. Entre numerosos argumentos que “sustentam” essa anunciada “incompatibilidade”, pode-se dizer que dois são bem interessantes: o do “despreparo” e o da “inaptidão” dos alunos e de alguns professores desse tempo da educação formal. Outros problemas também afetam o ensino de Filosofia na educação básica brasileira tais como: a pouca valorização da Filosofia por parte dos professores e do próprio Governo que para preencher a carga horária de muitos professores efetivos, repassa as aulas de Filosofia para educadores que não possuem formação e muito menos são especialistas na área; a falta de interesse dos alunos em relação ao ensino da Filosofia; o pouco caso que se tem com as normas curriculares, etc.

Como todos já sabemos, nenhum desses problemas é privilégio da Filosofia, podendo ser conexo “às demais disciplinas que compõem os programas de ensino no Brasil” (FINI, 2008, n.p.)⁴. Uma coisa é certa: não irá bem longe o professor que limitar um pensador enjaulando-o numa espécie de quarto sem chaves, na tentativa de encerrar seu pensamento, idealizando que a disposição do texto, por si só, poderá trazer alguma forma de compreensão ou reflexão. Não se pode presumir de que o educando terá uma boa formação somente por conseguir compreender as composições do pensamento de um filósofo, separado em mundo imaginário onde tempo e história não coabitam. Isso porque o uso de um recurso a um pensador, sem o nervosismo de fazer pensar o seu leitor contemporâneo, é um treinamento inútil. É como não querer mais viver e assim, evitar todos os riscos que a vida provoca, para se viver por mais tempo...

Além disso, ponderando que as amostras do pensamento devem ser avaliadas em sua historicidade, a própria análise de um texto filosófico necessita ser historicizada e posta em afinidade com as demais disciplinas. Desse modo, como já foi lembrado, a Filosofia pode assumir uma de suas principais funções, a de ser uma ferramenta conceitual, produtora de síntese, com que animaria o debate multidisciplinar, elevando os padrões do Ensino Médio. Em primeiro lugar, o Ensino de Filosofia na educação básica deve ser entendido como o reconhecimento do valor desta matéria para expandir o significado e os objetivos sociais e culturais da Educação. Para tanto, é indispensável a presença, nos fluxogramas escolares, de disciplinas que – como a Filosofia – sugerem reflexões que aceitam compreender melhor as relações histórico-

balhar no hospital psiquiátrico da Universidade de Heidelberg, tornou-se professor de psicologia da Faculdade de Letras.

4 A professora Maria Inês Fini é coordenadora do Inep, Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais.

sociais e, ainda, implantar o educando no mundo subjetivo das representações simbólicas, fazendo com que a Educação chegue a um nível político-existencial, adequado para que seja superada a mera transmissão e aquisição de conteúdos, feitas de jeito mecânico e inconsciente.

Tendo-se em vista este panorama, pode-se entender o porquê da importância da Filosofia não somente para os educandos, mas também para os professores, que serve como tecla chave para a mudança na Educação. Buscando o potencial de cada educando, e expandindo seu potencial por intermédio de uma orientação de acordo com a capacidade de cada um. O aluno deve ser convidado a refletir sobre o mundo que o cerca o conhecimento de uma realidade da qual ele próprio faz parte. Faz-se necessário ao educador o comprometimento como profissional durante as suas inter-relações em que o compromisso não pode ser um ato passivo, mas sim a inserção da práxis na prática educativa de professor e aluno. A filosofia deve ter um lugar privilegiado na vida humana, pois além de possibilitar a racionalidade, sempre esteve na origem das mudanças decisivas na história da humanidade, por isso não é inútil como pensam.

Tem como objetivo a totalidade das coisas, desde as raízes, as causas primeiras até as últimas. Pois, “o mundo da cultura é um mundo no qual a difamação é a principal arma no duelo de ideias”. (PONDÉ, 2014, p. 107)⁵

1.1 A Sociedade “Pós-Moderna”

A sociedade “pós-moderna” é cada vez mais marcada pelo uso intenso do conhecimento, seja para trabalhar, conviver ou exercer a cidadania, seja para preocupar-se com ambiente em que se vive. O mundo tem se transformado rapidamente em nosso secular “mundo moderno”. Muitas pessoas preferem ser vistas como “seres imortais”, em vez de “mortais”. Atualmente o mundo nos apresenta diversas características novas, principalmente depois da II Guerra Mundial, nossa vida acabou sendo influenciada e alterada, principalmente nas relações humanas de um modo geral. As causas dos problemas e dificuldades nem sempre se encontram fora do homem, senão amiúde em seu interior. Hoje em dia o estudo da Filosofia na educação básica enfrenta alguns desafios como destaca Clademir Araldi⁶ (2005, n.p.) “Na maioria das vezes as aulas de Filosofia são destinadas a professores de outras áreas por não terem docentes preparados, o que acarreta em aulas deficitárias”.

Além disso, nos deparamos com a falta de interesse dos alunos pela disciplina de Filosofia. Rubin⁷ diz que vivemos em um mundo no que ele denomina de “cultura do vídeo” (2001, p. 40). Essa sociedade, fruto da revolução tecnológica que cresceu rapidamente na segunda metade do século passado e dos métodos políticos que refizeram as relações mundiais, já está originando um novo tipo de diferença, ou

5 Luiz Felipe Pondé é filósofo, escritor, ensaísta e Doutor pela Universidade de São Paulo.

6 Escritor e Professor Doutor da Universidade Federal de Pelotas (UFPEL), Rio Grande do Sul.

7 Doutor em Filosofia pela Universidade de Friburgo, Suíça, Professor emérito de Filosofia da Universidade Federal de Santa Maria – RS.

eliminação, unida ao uso das tecnologias de comunicação que hoje em dia mediam o acesso a informação e aos bens culturais. “Na sociedade atualmente, são indesejáveis tanto a exclusão pela carência de acesso a bens materiais quanto a exclusão pela falta de acesso ao conhecimento e aos bens culturais” (FINI, 2008, n.p.). De um modo geral, filosofar é tirar os pés do chão e ficar em devaneios em cima das nuvens.

Essa ideia do pensador com visão e mente distantes, flutuando sobre os pobres mortais, foi inventada com a ajuda dos próprios filósofos e professores de Filosofia, durante anos especializados numa forma de trava-línguas do pensamento e desatentos às demais amostras e dimensões da Cultura. Por isso, ponderando que o ensino de Filosofia no ensino médio foi restaurado de forma legal, parece conveniente perguntar como o professor de Filosofia vê sua atuação no mundo escolar. Qual o papel, ou papéis, que ele pode e deve exercer? Qual o desempenho do ensino de Filosofia nos atuais formatos curriculares, determinados principalmente no desenvolvimento de competências e habilidades? Antes de tudo, o retorno da Filosofia ao Ensino Médio deve ser entendido como o reconhecimento da importância desta disciplina para expandir o significado e os desígnios sociais e culturais da Educação.

Para isso, é indispensável a presença, nos fluxogramas escolares, de disciplinas que – como a Filosofia – sugerem reflexões que permitem compreender melhor as afinidades histórico-sociais e, igualmente, inserir o estudante no universo subjetivo das representações alegóricas, elevando a Educação a um grau político-existencial, capaz de superar a mera transmissão e obtenção de conteúdos, feitas de modo automático e inconsciente. Quem pode divergir, por exemplo, de que já está mais do que na hora de alterar os debates sobre ética para fora das salas de aulas e congressos especializados, camuflados nas universidades e produzidos para meia dúzia de especialistas de discurso incompreensível? Ao mesmo tempo, por maior que seja a habilidade que os meios de comunicação têm de influenciar a opinião pública, praticando positivamente seu direito de revelação social, nenhum educador imagina transferir aos meios de comunicação social a encargo pelo estabelecimento de valores éticos para desenvolvimento de crianças e adolescentes.

O assunto se torna ainda mais complexo quando se confere à escola a função de formar cidadãos capazes de intervir, de maneira consciente, no contexto social de que fazem parte. A qualidade de cidadania não se concretiza com o uso de símbolos externos, aplicados após a arquivamento de umas poucas sentenças, mais decoradas do que compreendidas, como se fosse um documento de identificação que distinguisse seu portador das demais pessoas que compõem a sociedade. Ao mesmo tempo, é importante lembrar que, para a obtenção dos valores da cidadania, são cruciais as influências que o estudante armazena dos ambientes sociais que convive, em particular a família. É claro que o professor de Filosofia, assim como os demais, deve participar ativamente do método de percepção e desenvolvimento desses valores, mas isso não quer dizer que ele deva abandonar as funções de docência, deixando de produzir conhecimento sobre sua disciplina.

Contudo, conquanto ainda sejam poucas as vozes que questionam a importância do ensino da Filosofia, os profissionais da Educação, em geral, e os da Filosofia, em particular, manifestam apreensão quanto a determinadas questões fundamentais: “Como ensinar Filosofia?” Ou: “Como formar professores para o ensino de Filosofia no Ensino Médio?”; “Será que os cursos superiores preparam, adequadamente, esses professores?”; “Qual a qualidade do material didático disponível?”; “Como despertar o interesse dos alunos e estimulá-los a pensar filosoficamente?” ... Além do mais – ponderando que as manifestações em relação ao pensamento devem ser avaliadas em sua historicidade –, a adequada análise de um texto filosófico precisa ser historicizada e posta em afinidade com outras disciplinas.

Desse modo, como já foi recordado, a Filosofia pode assumir uma das suas principais funções, que é a de ser um instrumento conceitual, elaboradora de síntese, com o que alegraria a disputa multidisciplinar, fazendo com que os padrões do Ensino Médio se tornem elevados. Aqui, é importante considerarmos o caminho percorrido pela Filosofia na história da educação no Brasil. A juventude que cursam hoje em dia os cursos superiores de Filosofia talvez nem saibam que, durante décadas – desde sua aparição no mundo escolar, há cerca de oitenta anos –, seus conteúdos comprimiam-se, abandonados ora pelo discurso teológico, ora pelo uso excessivo de palavras intraduzível que saía dos moinhos de palavras de alguns especialistas. Tais conteúdos mais assemelhavam-se a raciocínios derivados de seres supremos, cujas as senhas de acesso poderiam ser decifradas graças à mecânica das palavras, dispensando maiores confusões de pensamento.

A filosofia pode ser praticada como exercício do pensamento com anseios educativos ou como uma reflexão teórica sobre assuntos educacionais. Essas duas alternativas dão espaço a duas áreas do saber na atualidade que, ainda estejam relacionados, merecem separados: o ensino de filosofia e a filosofia da educação. Neste contexto, o professor de Filosofia tem uma enorme missão, levar os estudantes a um processo de reflexão ensinando-os a pensar, a se interrogar a partir da própria realidade de uma forma que nasça nos jovens e adolescentes aquele tipo de questão que faziam quando ainda eram crianças. Tais como: “O que é isto? O que é aquilo?”, pelo que se pode concluir que há no ser humano uma aspiração de conhecimento, mas quando esta criança chega à escola, esta começa a lhe arrancar o anseio de saber que se estenderá por toda sua vida de estudante, segundo comprova Rubin ao afirmar que “os jovens, ao ingressarem na universidade, estão com o desejo de saber apagado ou até definitivamente morto” (2001, p.33).

2 | A REALIDADE NA SALA DE AULA

Quem vive em sala de aula conhece o quanto se faz urgente despertar no aluno a criatividade e a criticidade indispensável para a preparação de uma representação

coerente do mundo, da sociedade e da vida humana no mundo. Para tanto, torna-se definitiva a contribuição da Filosofia. Paradoxalmente, no entanto, há dentre nós quem ainda acredita que o aluno da educação básica “se prepare” para posteriormente aprender a filosofar. Pensar e refletir são os primeiros passos para se criar conceitos. Saber pensar sobre o mundo e saber refletir igualmente sobre a sala de aula. Pensar sobre as coisas mais atuais e buscar melhorar estas coisas do mundo. Influenciando no costume de olhar para o mundo quem sabe para se tornar uma pessoa mais justa.

Desta forma, a filosofia na educação tende a perceber melhor o mundo, cooperando para novos conhecimentos – unindo agora a filosofia de Deleuze⁸: criação de conceitos – para em seguida saber – fazer – entender para o mundo. Assim sendo, importante por entusiasmar uma nova visão do mundo para o mundo, compreendê-lo e solucioná-lo insinuando na qualidade educacional. A escola é o espaço para a educação. É nela que nos deparamos ou precisaríamos encontrar a estrutura para uma boa educação. As pessoas fazem uma alusão da escola como constituindo o lugar da criança e do jovem. Isto porque concebe um desenvolvimento profissional (futuramente), inserindo-se no mercado de trabalho e ocupando um bom status na sociedade.

Determinadas escolas censuram os alunos quando eles começam a questionar sobre o ensino que estão recebendo. Isso é um absurdo! Pois isto tende a afastar o aluno de fazer perguntas, ter participações espontâneas em trabalho de classe, de até mesmo crer que não sabe de nada e receio de produzir algo, não acolhendo aquilo que a escola deve sugerir. Deve-se avaliar o estudante, e não avaliar na soma de acertos, em testes ou provas, mas sim “identificar dificuldades e facilidades na relação do ensino / aprendizagem do modo de reorientar o processo pedagógico” (CORTELLA. 2000. P.143)⁹. “Portanto, desde crianças que devem aplicar-se à ciência do cálculo e da geometria e de todas os estudos que hão de proceder e da dialética, fazendo que não sugam contrafeito este plano de aprendizado” (PLATÃO. 2000. P.234)¹⁰.

Assim sendo, educar se torna a orientar para os mais variados caminhos ou áreas do conhecimento; é fazer reflexões sobre as informações, não atribuir exclusivamente o que está em livros didáticos ou que um ou outro autor afirmou como verdade; é agir no sentido de que todos os sujeitos apresentem uma reflexão – uma vez que alguns não o procuram por se aparecerem óbvios pelos nossos sentidos. “Além de colocar as crianças e os jovens em ação e manipulação de materiais, deve-se também levá-los a “tomar consciência” da ação, o que implicaria uma escola que

8 Foi um filósofo francês que, a partir do início dos anos 1960 até sua morte, escreveu influente em filosofia, literatura, cinema e obras de arte.

9 É um filósofo, mestre e doutor em Educação, pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, onde também é professor-titular do Departamento de Teologia e Ciências da Religião e da pós-graduação em Educação.

10 Platão foi um filósofo e matemático do período clássico da Grécia Antiga, autor de diversos diálogos filosóficos e fundador da Academia em Atenas, a primeira instituição de educação superior do mundo ocidental.

não as fizesse somente escutar, mas também as colocasse em situação de fazer e de falar” (GHIRALDELLI JR. 2003. p. 20)¹¹.

O professor deve conhecer a face da verdade, fazer sair do desconhecido para o conhecido, saber reconhecer o que antes não era percebido e nem visto e repartir o que se sabe com os que pouco sabem de maneira que o que diz seja importante para quem escuta, pois se não existir interesse por parte daqueles que ouvem, nada do que for dito terá valor algum; é, por isso que pensar sobre as práticas, repassar o conhecimento através do estudo com mais perfeição possível; é também reparar a infância; é levar a novos lugares por meio de leituras, é praticar a dialética¹² para aquilo que é a essência das coisas. Na sala de aula, devem haver cuidados particulares. São necessidades do estudante que necessitam ser compreendidas. Necessidade do professor que deve estar do lado de fora – da sala de aula – se não houver relação com suas próprias técnicas pedagógicas.

E fazer, ou saber-fazer, desenvolver os alunos percebendo as suas necessidades e que estão aí com suas “mentes abertas” para “pegar” os conhecimentos que o professor irá passar minimizando, o professor, os erros e de modo com que ele entenda – e para ele entender o professor deve estar preparado. É importante saber que o conhecimento é infinito, muito ainda para aprender, todos os envolvidos na área da educação podem muito aprender, em particular os educadores; no entanto necessitará ter afinidade de respeito por todos sem restrições. O professor além de cooperar para o desenvolvimento dos estudantes colabora também para a sua própria formação. A filosofia é importante para a educação. Ela colabora para uma compreensão crítica, uma reflexão crítica, para todo o método educativo, bem como para as técnicas pedagógicas, a conduta do professor, a estrutura escolar, o conhecimento a ser repassado, etc.

Se faz atual à medida que se interroga sobre os objetivos da escola e dos educadores. É pertinente os conhecimentos que adquire. Compreender o presente. Sendo assim, a relação entre Filosofia e Educação contribui para compreender melhor o mundo em que vivemos e a própria Educação. Nesse contexto, a Filosofia ganha valor e se confronta com esses novos desafios, avaliando, interpretando, percebendo como se desenvolve a ação educador e aluno. A filosofia pode causar susto a muita gente, mas para muitos é assunto reservado aos especialistas e, por isso, desinteressante. “Porém, na escola, é preciso abrir perspectivas que despertem o gosto pela Filosofia sem gerar no aluno uma aversão à tarefa de pensar” (GADOTTI, 1979)¹³. Dar a devida importância para a Filosofia dentro da metodologia educacional constitui levar a

11 Paulo Ghiraldelli Jr. É filósofo e Escritor. Tem Doutorado em Filosofia Pela USP e Doutorado em Filosofia da Educação Pela PUC-SP. Tem Mestrado em Filosofia Pela USP e Mestrado em Filosofia e História da Educação.

12 É um método de diálogo cujo foco é a contraposição e contradição de ideias que levam a outras ideias e que tem sido um tema central na filosofia ocidental e oriental desde os tempos antigos.

13 Moacir Gadotti é professor titular da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo desde 1991 e o atual diretor do Instituto Paulo Freire em São Paulo.

sério as necessidades e anseios que todos os jovens têm de refletir, de pensar e de interrogar, de voltar-se sobre seu pensamento e apurar suas respostas, para que tenham uma oportunidade real de explorar temas de importância.

3 | FILOSOFIA E O DESENVOLVIMENTO DO CONHECIMENTO

Por isso, a conhecimento filosófico para os jovens é extremamente estonteante, pois leva a procura da verdade e das respostas completando seu espírito inquieto. Estamos continuamente em transformação, e que a partir disso o conhecimento passa a ser distinguido. Portanto, precisamos informar que o domínio de conhecimento é de grande valor para que os professores e que devem comunicar-se do melhor modo possível, propondo uma metodologia de qualidade. Com a sugestão de Mário Cortella: “o melhor método é aquele que propuser a melhor aproximação como objeto, isto é, aquele que propiciar a mais completa consecução da finalidade” (CORTELLA. 2000. P.111). É extremamente importante que o professor não passe a regular o conhecimento para o aluno e prenda-se ao conhecimento científico.

“O conhecimento é fruto da convenção, isto é, de acordos circunstâncias que não necessariamente representam à única possibilidade de intervenção da realidade” (CORTELLA. 2000. p.104). Em determinadas viagens, por exemplo, apreciamos outras tradições, detendo de tal modo conhecimentos. A seguir se deve relativizar até o que assemelhar-se a ser mais firme. Explicar que o conhecimento é diferente em épocas porque as qualidades para que se pensar em tais circunstâncias eram diferentes, não assegurar que um determinado conhecimento antecedente é falso – sem outras definições para tal –, pois era certo para a época em que se confiava. Como diz Platão: Por conseguinte, meu excelente amigo, não eduque as crianças ao estudo da violência, mas a brincar, a fim de que fiques mais habilitado a descobrir as tendências naturais de cada um (PLATÃO. 2001. P.234).

É importante saber que o conhecimento é infinito, muito ainda para aprender, todos os envolvidos na educação podem aprender e muito, em particular os professores; no entanto precisará ter uma relação de respeito por todos sem exceções. O professor além de contribuir para o desenvolvimento dos alunos colabora também para o seu desenvolvimento contínuo. Se a Filosofia está a encontrando outra vez um espaço no ensino é porque os professores compreenderam que os jovens podem se maravilhar com ela e que ela coopera significativamente para seu aprendizado educacional. Quem sabe em qualquer outro lugar a Filosofia seja mais amparada do que na sala de aula. Toda matéria parece ser mais simples de estudar quando seu ensino é movido pelo princípio aberto, crítico e de rigidez lógica típico da Filosofia, auxiliando os estudantes a pensarem efetivamente sobre os valores que realmente são importantes para eles.

É necessário encarar o desafio que a Filosofia tem pela frente, para

compreendermos seu encanto, seu segredo, adquirindo a responsabilidade de trocar de opinião e da simples crença ao conhecimento, acreditamos ainda, que ocorre pelo Ensino da Filosofia a melhor ou senão a oportunidade de uma melhoria do ensino nas escolas. Podemos entender agora a causa pelo qual a filosofia não precisa temer a questão de ter ou não valor prático. A Educação é um espaço de sucessivos conflitos. Exceder a nacionalidade dos conhecimentos e adestrar-se como um carro de combate frente ao aparelho de Estado são estratégias a serem arriscadas por aqueles que pensam ser atraente e complexo o lugar e o significado do Ensino de Filosofia rumo a uma Educação Filosófica.

Entende-se que uma Educação Filosófica pode contribuir para refletir sobre probabilidades de alterar-se o modo como nós pensamos o mundo; para fazer o pensamento a se pensar. O que parece mais adequado e copioso para a Filosofia na Educação Básica é sua eficiência de educar filosoficamente, sua força de instigar os jovens ao sair de seu comodismo; fruto que pode ser conquistado pela renúncia à rotina dos estilos de vida, muitas vezes empobrecidos e alívio nos quais, hoje em dia, sobrevivem desiludidos e incrédulos. O Ensino da Filosofia precisa ser capaz de fazer com que se experimente existir de acordo com ela. Isto é decisivo e convida a praticar uma Filosofia na escola não tanto angustiada em passar conteúdos, mas a aspirar uma dimensão de Educação Filosófica com condições de ressoar no modo de viver dos alunos.

E, desde então, é a partir da relação que o professor tem com a Filosofia e com os filósofos pelos quais se preocupa que essa possibilidade pode ser atual. Em particular, ao resgatar o que Sócrates¹⁴ nos ensina na Apologia¹⁵ “interrogar, examinar e confutar” a própria vida. A Filosofia na escola, ou uma Educação Filosófica, pode ser um acesso a estabelecer um ambiente, proporcionar uma sensibilidade atenta para que ocorra o pensamento. Antes de ocupar-nos do teor da matéria – quais temas, textos ou problemas que vamos mencionar para explorar com os alunos – pensamos ser condição de possibilidades para ensinar a filosofar com os jovens a agitação em estabelecer um ambiente favorável ao esquecer aquilo que já havia estudado. Esquecer no sentido de despir-se de alguns costumes, desfazer alguns supostos, dar as costas às certezas.

E isso acontece fundamentalmente pela estima, uma Educação Filosófica não é simplesmente trabalho do pensamento, mas quem sabe e, de maneira especial

14 Sócrates foi um filósofo ateniense do período clássico da Grécia Antiga. Creditado como um dos fundadores da filosofia ocidental, é até hoje uma figura enigmática, conhecida principalmente através dos relatos em obras de escritores que viveram mais tarde, especialmente dois de seus alunos, Platão e Xenofonte.

15 Apologia de Sócrates é a versão de Platão de um discurso dado por Sócrates. Apologia de Sócrates é considerado o segundo livro da tetralogia formada pelos seguintes diálogos: Eutífron, onde vemos o filósofo, ainda livre, indo para o tribunal a fim de conhecer as acusações que lhe foram movidas pelo jovem Meleto; a Apologia, com a descrição do processo; o Críton, com a visita de seu amigo mais querido ao cárcere; o Fédon, com os últimos instantes de vida e o discurso sobre a imortalidade da alma.

trabalho do sentimento. A vontade por refletir juntos pode nascer no estabelecimento de uma atmosfera de expectativa atenta ao inesperado e ao visivelmente sem sentido. Temos que ter uma abertura para o que está por fora, conhecimento do legítimo dom. A fala de quem ensina é a fala da filosofia, fala desconhecida pelos aprendizes convidados a viver uma Educação Filosófica. Uma Educação Filosófica comprometida com a vida de cada um e com o hoje comum a todos está em concordância com o que estabelece antes do esperado: Vir a ser o que se é. Auto exigência de alteração, abertura a novas mudanças. Vir a ser o que se é não recomenda a passagem de um ser em energia a um ser em ato.

Deste modo, o movimento de ensinar Filosofia tendo como alvo a uma Educação Filosófica implica fazer do aprender próprio e alheio a um conhecimento no sentido de se abrir ao encontro no pensamento. Encontros no pensamento em si e nos outros, se envolvendo com a Filosofia de modo essencial e comprometida. Fazer do ensinar e aprender Filosofia um momento para virmos a ser aqueles que aprendemos a ser. Assim sendo, não anseia pronunciar ao outro o que ele tem que fazer e aprender e sim fazer com que o outro aprenda por si próprio a estudar e desconfiar dos dados do conhecimento comum e instituído, para refazê-los em suas possibilidades comprometidas.

Nesse processo, será possível a identificação dos pensamentos de uma boa alegação, proporcionar-se-á a ocasião de recuperar os argumentos expostos nos textos estudados, admitirá enfrentar teses filosóficas e instigará a construção de bom senso de valores, implantando o ser humano de forma mais autêntica dentro da sociedade. Seguramente a encargo que nos espera nessa “aventura” dentro dos perímetros do ensino da Filosofia, demandará um empenho criativo do educador quanto a sua habilidade de improvisação e de adaptação aos recursos encontrados, do aspecto de cada sala, da verdade de cada comunidade, e isto fará com que seja difícil imaginar com uma aula pré idealizada, pois as situações conduzirão cada tema por passagens relacionadas a esses fatores, o importante é se ter ideia que se procurará formar um fala que aceite julgar, criticar e manifestar o pensamento do estudante a consideração de sua origem.

E com o decorrer das aulas é que os alunos vão dar início ao valor do filosofar. O educador difundirá o conteúdo que conduzirá o estudante a apreciar algo que lhe trará um certo assombro. Ao assombrar-se proporcionar-se-á alteração, à transformação, que é o caminho do pensamento mítico ao pensamento racional. “Todo pensamento exige que se pare para refletir”, de acordo Arendt¹⁶ (1978, p.78). Toda reflexão leva o ser humano a sair da realidade humana. Na atividade reflexiva o ser humano se move para fora do mundo em que vive usando uma linguagem, expressões meditativas. Heidegger¹⁷ (1966, p.45) afronta com austeridade o serviço específico da Filosofia e

16 Hannah Arendt foi uma filósofa política alemã de origem judaica, uma das mais influentes do século XX.

17 Martin Heidegger foi um filósofo alemão. É um dos pensadores fundamentais do século XX - ao lado de Russell, Wittgenstein, Adorno, Popper e Foucault.

a distingue do conhecimento científico: “Ocorre que a Filosofia não é um saber que, à maneira de conhecimentos técnicos e mecânicos, se possa aprender diretamente ou, como uma doutrina econômica e formação profissional, se possa aplicar imediatamente e avaliar de acordo com a utilidade”.

O filosofar determina tranquilidade, diálogo entre o professor e seus alunos, muita interpretação e muita meditação para, então, com o tempo, advir a maturidade do pensar do aluno. A Filosofia é antes de tudo um chamado para pensar, e é acolhendo este chamado que os seres humanos vão, aos poucos, sendo introduzidos no seu universo. A colaboração que a Filosofia dá à Educação na verdade, é de grande importância e ao mesmo tempo estimular o ser humano a refletir sobre si e sobre o mundo e ao seu redor, pois ambas se completam. Creio que embora as irregularidades e deslizos pelos quais ocorreu na história da cultura ocidental, a Filosofia, enquanto Filosofia da Educação, sempre buscou concretizar essa ajuda, na medida em que consecutivamente se sugeriu como empenho de exploração e de procura dos fundamentos.

Mesmo quando confiou tê-los achados nas essências imaginadas ou nas proporções da natureza! E ela poderá prosseguir colaborando se compreender que esses fundamentos têm a ver com o significado do existir do ser humano em seu conjunto trançado na realidade histórico-social. Certamente há uma longa caminhada pela frente desde o princípio do ensino brasileiro quanto a reintrodução da disciplina de Filosofia na grade curricular, entretanto não se deve perder de vista o valor dessa prática como fator de transformação da realidade do país, do desenvolvimento da sociedade e da edificação de um plano de vida mais natural e justo para todos os brasileiros, passo principal para se gerar o desenvolvimento, da cultura e resgatar a dignidade de todos os cidadãos.

4 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

O Ensino de Filosofia, para colaborar com o desenvolvimento dos alunos da educação básica no Brasil, deve ser desenvolvido por educadores verdadeiramente formados e licenciados nesta área, pois esperara-se que estes tenham maior preparo para desenvolverem da melhor maneira o grande número de assuntos e questionamentos filosóficos que necessitarão ser expostos aos alunos. Apenas o educador formado em Filosofia está capacitado e preparado para desenvolver com os estudantes uma reflexão crítica, fornecendo-lhes a ocasião de organizar raciocínios, discutir ideias e desenvolver um pensamento independente sobre as hipóteses e as dificuldades a eles sugeridos e ainda edificar seus próprios textos.

Os professores precisam buscar ser prudentes quando falarem do conhecimento científico, pois este ocasionou ao ser humano muitos benefícios. No entanto, devem lembrar que o conhecimento filosófico excede o científico, porque o primeiro busca

aceitar a soma das coisas existentes e como estas se constituem no todo da realidade, o segundo, ao se atentar tanto com a especialização, conhece apenas um assunto separado, sofrendo o risco de tornar-se irresponsável e acrítico as dificuldades a sua volta. Ao ensinar a Filosofia, o educador deve tomar cuidado em transmitir um conhecimento verdadeiro e não simplesmente o que poderá ser útil ao estudante pois, apenas clareado pela verdade, este encontrar-se á provido com a capacidade de distinguir, avaliar e escolher, ponderar e resolver, o que o auxiliará a adquirir autonomia intelectual.

No ato de formar o docente de Filosofia poderá até fazer uso de determinadas metodologias e recursos, mas estes precisarão servir somente como um meio para se chegar o fim último que é o de ajudar o estudante a adquirir conhecimentos que lhe serão uteis para se aprimorar como ser humano. O diálogo pode abrir passagem para a amizade e esta é que garante também uma abertura para que o ensino se concretize. Este diálogo educacional não deve servir para que se transmita ideologias. O educador que usa a sala de aula para difundir ideais sobre política, sociais e religiosas, além do seu ponto de vista em particular, deve ser considerado contrário à ética, manipulador e desonesto. Na atual sociedade “pós-moderna”, voltada à tecnologia, parar para refletir é o mesmo que perder tempo.

Portanto, o trabalho da Filosofia na Educação é a de atrair o estudante a uma resiliência das compreensões infantis e superficiais da sociedade onde está plantado, ensinando-o a refletir de forma coerente, abstrata e compreensiva sobre a realidade. É instigar o estudante a pensar sobre si próprio para aprender a se criticar e pensar sobre o mundo para entendê-lo e, depois disto, procurar saber qual a sua responsabilidade perante o mundo que o cerca e diante do seu próximo. Assim sendo, o próprio estudante poderá, com o passar do tempo, entender a seriedade de se aprender a filosofar e responderá por si próprio a questão que foi feita ao seu professor no primeiro dia de aula: Por que estudar Filosofia?

REFERÊNCIAS

ARALDI, C. L. *A experiência do estágio supervisionado dos alunos da UFPel*. In: RIBAS, Maria Alice. etc tal. (Org.) *Filosofia e ensino: A Filosofia na escola*. Ijuí: Ed. Unijuí, 2005.

ARENDT, H. *A condição Humana*. São Paulo, EDUSP/Forense Universitária, 1978

CHAUÍ, M.: *Para que Filosofia?* In: _____ **Convite à Filosofia**. São Paulo: Editora Ática S.A. 1999, p. 9 – 18.

CORTELLA, M. S. *A escola e o conhecimento: fundamentos epistemológicos e políticos*. 3ed. São Paulo: Cortez, 2000.

DELEUZE, G; GUATTARI, F. *O que é filosofia?* Tradução de Bento Prado Jr. E Alberto Alonso Muñoz. – Rio de Janeiro: Ed. 34, 1992.

FINI, M. I. *Proposta Curricular do Estado de São Paulo – Filosofia*. São Paulo: SEE, 2008.

GADOTTI, M. “*Para que serve afinal a filosofia?*” Reflexão 4(13): jan./abr.1979.

GHIRALDELLI JR., P. *Pedagogia e Infância*. In: _____ **O que é Pedagogia**. São Paulo: Brasiliense, 2004.

HEIDEGGER, M. *Introdução à metafísica*. São Paulo: Tempo Brasileiro, 1966.

JASPERS, K. *Introdução ao pensamento filosófico*. São Paulo: Cultrix, 1971.

MERLEAU-PONTY, M. *Elogio da filosofia*. Lisboa: Idea Nova/Guimarães Editores, 1986.

PLATÃO. Livro VII. In: _____ *A República*. Tradução de Pietro Nassati. São Paulo. Editora Martin Claret, 2001.

PONDÉ, L. F. *A era do ressentimento: uma agenda para o contemporâneo*. São Paulo: LeYa, 2014.

PROPOSTA CURRICULAR DO ESTADO DE SÃO PAULO “FILOSOFIA – ENSINO MÉDIO.
Disponível em: <http://www.rededosaber.sp.gov.br/portais/Portais/18/arquivos/Prop_FILO_COMP_red_md_20_03.pdf> Acesso em: 24 ago. 2014.

RUBIN, A. A. *Minha pequena Filósofa*. Santa Maria: Pallotti, 2001.

SOBRE AS ORGANIZADORAS

Denise Pereira - Mestre em Ciências Sociais Aplicadas, Especialista em História, Arte e Cultura, Bacharel em História, pela Universidade Estadual de Ponta Grossa. Cursando Pós-Graduação Tecnologias Educacionais, Gestão da Comunicação e do Conhecimento. Atualmente Professora/Tutora Ensino a Distância da Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG) e professora nas Faculdade Integradas dos Campos Gerais (CESCAGE) e Coordenadora de Pós-Graduação.

Maristela Carneiro - Pós-Doutoranda pela Universidade Estadual do Centro-Oeste do Paraná – Unicentro. Doutorado e Pós-Doutorado em História pela UFG e pela UFMT, respectivamente. Docente do curso de História na Universidade Estadual de Ponta Grossa.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Alegoria da caverna
Análise espaço

C

Cibercultura
Ciências política
Ciências sociais
Colonização

D

Direitos civis territorialidades

E

Ensino de história
Exponere

F

Feminismo
Filosofia
Fontes documentais
Formação do homem

H

Historiografia
História dos costumes
História intelectual
Historiografia

I

Igreja católica
Imigração

L

Literatura
Lutas

M

Meio ambiente
Memória
Micro-história

O

Organizações sociais

P

Política

Populismo

Protestante

R

Relações de trabalho

Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-7247-559-4

